

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT11.014

A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS NO BRASIL E AS INTERFACES COM OS DIREITOS HUMANOS

Antônio Valmor de Campos¹EJane Acordi de Campos²

RESUMO

A violência é crescente no mundo atualmente, com guerras, conflitos, organizações criminosas e a criminalidade generalizada assolando muitos países. Neste contexto as escolas passam a fazer parte do arcabouço da violência, inclusive no Brasil, onde é registrado aumento nos índices de violência, nas relações interpessoais internas e externas. Este texto expõe olhares acerca das diversas facetas da violência nas escolas e como ela impacta o trabalho docente e a aprendizagem dos estudantes. Também considera os aspectos humanitários demonstrando como isso afeta a garantia dos direitos humanos dos envolvidos. As reflexões são feitas a partir de pesquisa bibliográfica, considerando informações midiáticas, dados estatísticos e percepções de teóricos e autores como: Olinda Evangelista, Paulo Carbonari, João Galvão Bacchetto, Julia da Rocha e documentos de observatórios de violência e de

- 1 Doutor em Geografia, mestre em Educação, graduado em Ciências/Matemática, Ciências Biológicas e Direito. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), coordena o Programa de Pós - Graduação em Direitos Humanos da UFFS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEHDEB) e Participação no Grupo de Pesquisa - Direitos Humanos, Justiça e Cidadania - DHJC. ORCID: <https://orcid/0000-0002-5600-4647>, E-mail: antonio.campos@uffs.edu.br
- 2 Doutoranda em Educação - PPGE/UNESC. Bolsista CAPES/UNESC. Mestra em Educação - UNOCHAPECÓ, Chapecó/SC. Professora Efetiva da rede estadual, Escola de Educação Básica Catulo da Paixão Cearense - EEBCPC. E-mail: janeacordidecampos@gmail.com. Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/054390829009300>.

direitos humanos. Ainda foi realizada uma roda de conversa com professores/as para discussão do tema, da qual são apresentadas algumas percepções. A análise dos enunciados deu-se pelo método dialético, permitindo reflexões interativas entre teorias e a situação real observada nas unidades escolares. Constata-se a crescente presença de atos violentos nas escolas, eles ocorrem entre os estudantes; entre professores; entre professores e estudantes. Ainda ocorre a situação da violência externa, caracterizada pelos ataques contra estudantes e professores por terceiros. Este conjunto de situações caracteriza uma violação aos direitos humanos dos/as envolvidas. Portanto, necessária a discussão levando em consideração mecanismos de estancar o crescimento de atitudes violentas entre todos os segmentos, bem como amenizar os efeitos da violência escolar nas vítimas atingidas e as potenciais. Nesta perspectiva o respeito aos direitos humanos contribuiria com a melhoria das condições de aprendizagem e do trabalho docente, com ambiente mais propício às relações interpessoais harmônicas, solidárias e pacíficas. Portanto o tema é relevante, merecendo atenção do meio social, político e acadêmico, na expectativa de criar nas escolas seguras.

Palavras-chave: Violência nas escolas, Direitos humanos, Segurança, Trabalho docente, Aprendizagem

INTRODUÇÃO

O presente ensaio trata de uma questão de alta relevância, social, acadêmica e humanitária, as situações de violências, principalmente no espaço escolar. A violência em qualquer contexto precisa ser vista como uma situação a ser extirpada, porém, no ambiente de aprendizagem como a escola é imperioso que ela deixe de existir, para a segurança da comunidade escolar e a tranquilidade necessária ao ato de ensinar e aprender. Também são abordados os aspectos relacionados com a violação dos direitos humanos nas vítimas que sofrem a violência e os seus efeitos. E as considerações finais com as observações pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa e os resultados, obtidos, analisados e apresentados para as discussões necessárias e pertinentes.

O texto está apresentado com a introdução, com as informações sobre o contexto, a justificativa e os objetivos da pesquisa. A metodologia, com as ferramentas metodológicas utilizadas para a coleta dos dados na pesquisa e a sua análise. Os resultados e discussões, que apresenta as percepções dos autores a respeito do tema e da pesquisa desenvolvida, o qual está dividido em três seções principais. A primeira trata dos aspectos da violência em geral, alguns conceitos fundamentais e algumas classificações, permitindo uma compreensão mínima acerca do tema, com as devidas reflexões indispensáveis.

A segunda seção trata especificamente da violência nas escolas, como ela se materializa, as diferentes formas de prática, os atores envolvidos e também os efeitos que ela provoca nas vítimas. Também é feita uma subdivisão das práticas violentas, entre os dois grupos principais da comunidade escolar, estudantes e docentes, com a caracterização de como ela ocorre em cada situação de envolvimento pessoal e coletivo dos respectivos grupos e os efeitos que provoca. Esta seção contempla também reflexões realizadas por docentes que atuam em sala de aula na rede pública do Estado de Santa Catarina.

Por fim, a terceira secção capta uma amostra de casos de violência nas escolas, ocorridos recentemente, no intuito de refletir sobre as suas motivações, como ela acontece, os efeitos que provoca e como a mídia trata a questão. Como é apenas uma amostra é importante que os olhares apresentados apresentem um alargamento do entendimento, estendendo para o conjunto de situações semelhantes.

Entre os objetivos desta pesquisa está o de tornar visível de forma mais ampla e consistente o problema da violência nas escolas, nas suas diferentes formas, bem como, as demais formas de violência que impactam indiretamente as relações escolares, tratadas como violência externa. Também o objetivo de refletir sobre os efeitos que as diferentes formas de violência provocam nas vítimas e no seu entorno. Por fim, apresentar algumas possibilidades de diminuição da violência nas escolas e ampliação ou retomada da sensação de segurança, condição indispensável para o bom desempenho docente e aproveitamento adequado na aprendizagem dos alunos.

A intenção é de que esta pesquisa e sua apresentação possibilitem uma maior visibilidade das violações de direitos humanos que ocorrem nas diferentes situações de violência que afligem as escolas, a comunidade escolar e os seus entornos, no intuito de superação das suas práticas, através de medidas preventivas e amenização dos efeitos quando acontece.

METODOLOGIA

Na expectativa de atender ao proposto no presente ensaio, utilizou-se ferramentas diversificadas, abrangendo fontes variadas. Os resultados foram obtidos a partir de uma pesquisa bibliográfica, na qual busca-se aprofundamento no tema da violência, com olhares para as diferentes formas de manifestação, algumas classificações apresentadas por teóricos da área e também algumas considerações sobre os efeitos que provoca nos atingidos pelas diferentes formas de violência. A busca deu-se em livros e artigos de relevância para a sólida fundamentação teórica.

Outra fonte de pesquisa foi uma roda de conversa realizada sobre o tema, com professores/as que atuam na sala de aula em escolas públicas de Santa Catarina, no intuito de obter percepções dos participantes sobre o tema e como integrantes do processo enfrentam as situações cotidianas vivenciadas.

Ainda foi realizada uma coletânea de notícias envolvendo a violência nas escolas, com a intenção de visualizar uma amostra de situações de violência que assolam diferentes unidades escolares, de diversas regiões do país.

Em decorrência da amplitude e complexidade do tema em estudo, a análise dos enunciados e dos resultados da pesquisa deu-se pelo método dialético, permitindo reflexões interativas entre teorias e a situação real observada nas unidades escolares, nas produções teóricas e na exposição midiática do tema da violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentar resultados de um tema sensível como este é sempre um desafio, principalmente pela complexidade dos aspectos envolvidos, bem como das diferentes percepções envolvidas. Portanto, mesmo com a isenção científica e metodológica necessária é evidente que pontos de percepção próprios dos autores estão postos, sem qualquer intenção de induzir leitores a tomada de posição, mas no intuito de ser um ponto de partida para discussão do tema, observando a realidade, as visões de envolvidos e os referenciais teóricos.

Os resultados e as análises são apresentados em três partes, a partir de uma divisão pedagógica, na intenção de facilitar a visão ampla do tema e a sua melhor compreensão, sendo elas: Breves noções sobre violência; A violência nas escolas; e A violência escolar “retratada” no cotidiano.

BREVES NOÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA

Segundo Assis (2023), é difícil conceituar violência, por ser um fenômeno complexo e multicausal, atingindo todas as pessoas, grupos, instituições e povos, e por todos é produzida. Expressa-se sob formas distintas, cada qual com suas características e especificidades. De acordo com o autor, a Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza uma definição de violência, quando ocorre o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou um grupo social, resultando em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento.

Ainda para Assis (2023), a violência resulta da interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, tendo sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis, de acordo com o modelo ecológico empregado pela OMS.

Portanto, o espectro da violência impregna os diferentes espaços sociais: “A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações e nas opções tomadas por indivíduos e por instituições” (Assis, 2023, p. 15). Compreender os efeitos da violência nos diferentes espaços favorece a identificação e o combate aos ciclos que a mantém atitudes violentas. Normalmente a violência é concebida como a agressão física. Porém, suas manifestações são mais amplas, que podem ser silenciosas e invisíveis. De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS, a violência tem diferentes formas:

Violência física é a forma mais visível, definida como o uso da força física para ofender a integridade ou a saúde corporal de alguém. Caracteriza-se pelo ato intencional, mesmo que não resulte em lesões aparentes ;

Violência psicológica é qualquer ação ou omissão que cause dano emocional, diminua a autoestima, prejudique o desenvolvimento ou vise controlar as ações e decisões de alguém;

Violência sexual é qualquer ato de natureza sexual imposto a uma pessoa sem o seu consentimento, que deve ser livre, informado e contínuo. A ausência de um “não” explícito jamais significa um “sim”;

Violência patrimonial e financeira que se manifesta pelo controle do dinheiro, impedindo a independência financeira da vítima (como proibi-la de trabalhar), retenção de documentos, destruição de bens pessoais ou uso indevido de seus recursos (ResumeAi, 2025).

Neste rol sobre os tipos de violência, Assis (2023) aponta ainda a negligência ou abandono, quando ocorre ausência, recusa ou deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.

Normalmente a violência é percebida quando acontece na forma física, pois empurrões, tapas, beliscões, socos, chutes, espancamentos, queimaduras e outras lesões são perceptíveis e palpáveis. Porém, a violência mais insidiosa, não é facilmente identificável, pois se caracteriza por ameaças, humilhação, insultos, isolamento social, vigilância constante, perseguição, chantagem emocional e manipulação. Outra forma de violência que gera acalorados debates na sua identificação é sexual, por ser possível a constatação em alguns casos, como o estupro e penetração. Porém, é movediça sua percepção nos casos de forçar alguém a realizar ou presenciar atos sexuais, impedir o uso de contraceptivos, assédio, toques indesejados e outras situações.

Em geral, os casos tratados dizem respeito a violência decorrente de um agente sobre outro, como explica Assis (2023), utilizando o conceito Krug, explica que a violência interpessoal é quando ocorre de uma pessoa contra outra, podendo ser em nível familiar e comunitário (prisões, locais de trabalho, abrigos e escolas). Porém, é preciso lembrar do autoflagelo é uma forma de violência frequente, especialmente na adolescência e na juventude, com lesões, arranhões e tentativa de suicídio.

Uma forma de violência que vem ganhando notoriedade por seu lastro de situações de sofrimento e tristeza que provoca é a Violência familiar (ou doméstica). Segundo Assis (2023) ela se caracteriza por maus-tratos e abusos que ocorrem no contexto, nas inter-relações e na comunicação da família, geralmente os seus membros, pai, mãe, irmãos, avós, padrastos.

Embora menos conhecida e pouco perceptível, Assis (2023), menciona a Violência cultural, que são naturalizadas na cultura familiar, comunitá-

ria e institucional de uma sociedade, envolvendo as formas de pensar, sentir e agir, de se comunicar, cooperar, confrontar e dirimir conflitos. Nas relações culturais sempre uma cultura tende a adotar como certos alguns comportamentos e práticas, e a rechaçar outros. A violência cultural se apresenta também sob a forma de discriminações e preconceitos.

Destacam-se como violências culturais: a de gênero, a conjugal, a racial, a contra pessoas com deficiência e contra outros grupos etários vulneráveis.

A violência institucional também é apresentada por Shiroma (2022), ela ocorre dentro das instituições, através de regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas que reproduzem estruturas sociais injustas. A fragilidade de recursos materiais, físicos e humanos existentes em muitas escolas e a precária qualidade do ensino público oferecido à população são formas de violência institucional, como exemplo:

[...] o das agressões sofridas pelos estudantes nas ocupações de 2016, evidenciam que estamos frente a uma tragédia de vastas proporções. O avanço orquestrado de interesses privados do capital com o alto nível manipulatório da opinião pública e negociações espúrias do interesse público no Congresso Nacional vem produzindo retrocessos e retirada de direitos conquistados, assegurados, até pouco tempo, na Constituição de 1988 (Shiroma, 2017, p. 19).

Assis (2023) ainda menciona a Violência simbólica, que ocorre por símbolos e sinais de poder, de distinção, de discriminação e de dominação. Constitui o meio pelo qual as classes dominantes mantêm o poder, reproduzindo desse modo as desigualdades.

É importante reconhecer e compreender que normalmente os diferentes de violência ocorrem de forma conjunta, especialmente quando ela é interpessoal, na qual a vítima geralmente sofre diferentes tipos de violência, tendo em vista as características violentas do agressor.

A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

As práticas violentas nas escolas têm dominado as discussões entre professores, pais e a comunidade. Evidentemente que nem sempre com a percepção adequada. Porém, o fato de ela tornar-se uma constante nas discussões é um sinal de que é preciso atenção especial à situação, na expectativa de reversão do quadro de agressividade.

Também há relatos de docentes que sofrem com a violência nas escolas, seja por parte de alunos ou pais, desencadeando processos de adoecimento, que resultam em afastamentos significativos de trabalhadores/as da educação das suas funções pedagógicas e docentes:

Práticas agressivas de estudantes têm sido relatadas em escolas de todo o mundo e despertado o crescimento de uma linha de investigação que surge com força na última década do século XX, inicialmente denominada “segurança nas escolas” e atualmente mais reconhecida pelo termo “violência nas escolas” (Assis, 2023, p. 49).

Segundo Assis (2023), a violência familiar interfere nas escolas, fazendo simbiose com a violência no ambiente escolar, seja por práticas disciplinares inconsistentes ou excessivamente rígidas, por dificuldades de mediação de conflitos ou abandono nas tentativas de resolução das situações conflituosas.

Assis (2023), aponta a invasão das escolas para ações violentas, como assaltos à mão armada, agressões, ameaças e lesões corporais. Apesar de pouco comum no interior da escola, é uma forma de violência que tem se ampliado no Brasil. Porém, nos seus arredores ela é mais comum, e exige ação policial. O autor destaca que quando tais agressões ocorrem no interior das escolas, geralmente os professores, de alguma forma, lidam com a situação, seja enfrentando o aluno, seja contando com a ajuda dos outros estudantes e funcionários, porém sempre com efeitos danosos:

Os tiroteios em escolas, praticados por alunos ou ex-alunos, em geral têm traumatizado profundamente a comunidade escolar, famílias e vizinhança. Esses atos são eventos de extrema violência e têm causado mortes, ferimentos graves e suicídios,

envolvendo principalmente os jovens que atacam seus alvos. Diversas e complexas formas de violência estão por trás desse complexo fenômeno (Assis, 2023, p. 59).

Segundo Assis (2023), embora a violência que ocorre no seio da família, na comunidade e a decorrente das condições de vida sejam reconhecidas e se manifestem sobre a vida dos estudantes das instituições públicas e privadas, as escolas pouco têm conseguido fazer diante das dificuldades vividas pelos alunos. Talvez nem seja o papel primordial da escola, porém ela precisa oferecer respostas às situações decorrentes da violência sofrida pelos alunos, para que lhes seja permitido perseguir o objetivo principal do estar na escola, o aprendizado e a formação cidadã. Também os professores são vítimas, tendo na: “[...] tragédia docente como um de seus produtos visíveis e também uma das estratégias de manutenção desse estado de coisas, posto que os professores estão sendo instrumentalizados para difundir uma concepção de mundo estreita e fragmentada (Shiroma, 2017, p. 20).

Por certo a visão de mundo com foco no individualismo e na competição, induzem a práticas que favorecem o aparecimento e proliferação dos diversos tipos de violência. Como a escola é um espaço de múltiplas concepções, seja na composição do quadro docente, dos estudantes e da comunidade envolvida, é um espaço de profunda difusão e reprodução de violência, que muitas vezes não são contidas adequadamente :

A lógica do funcionamento das relações estabelecidas nos ambientes escolares se fundamenta na regressão infantil da estereotipia e da personalização. Pois os adultos dificilmente representam figuras de autoridade capazes de seduzir a atenção da criança, a ponto de entusiasma-la a se esforçar para gradativamente adquirir as características que um dia a identificariam como adulta (Zuin, 2012, p. 191/192).

É importante a visão do autor ao afirmar que a arte de desafiar, expressadas pelas crianças, corresponde à expressão do desejo e, por que não dizer, da pretensão de se igualar aos imortais. Ele trata também da banalização da violência estimulada por recursos audiovisuais cada vez mais

agressivos, que consegue movimentar o raciocínio humano. No entanto, observa que apenas a violência extrema consegue chamar atenção de crianças que convivem cotidianamente com ela, ou seja, a tendência é que em ambientes violentos a violência seja progressiva.

Diante desta situação o desafio está em compreender o processo de construção das violências, pois depende de fatores que extrapolam as relações interpessoais: “A verdade de que os problemas relativos às práticas de violência presentes nas escolas são serão resolvidas exclusivamente pelo estabelecimento de vínculos de confiança e respeito entre os alunos e professores” (Zuin, 2012, p. 199). Segundo o autor o problema da miserabilidade material e espiritual é um obstáculo, porém ele destaca a importância desse processo para reduzir os efeitos da violência e a sua própria manifestação:

Se o ódio e o afeto convivem contraditoriamente nas relações estabelecidas entre os professores e seus alunos, há várias situações em que ocorre a polarização de um destes vetores, prevalecendo ou dimensão afetivo - respeitosa, ou a hegemonia das afecções psicológicas, e até mesmo físicas, entre os agentes educacionais (Zuin, 2012, p. 199).

O autor observa, no entanto, que há uma ambivalência de sentimentos de amor e ódio, que se faz presente no transcorrer das resoluções dos conflitos edipianos, for deslocada para a relação professor-aluno, então o professor como figura de autoridade também se torna objeto do ideal de eu do aluno que, por sua vez, ao intervir cada vez mais no processo de ensino e aprendizagem, se sente exortado a superá-lo. Talvez, isto já seja o resultado de um modelo educacional que prima pela competição e pelo individualismo, relegando os valores da solidariedade e da coletividade que deveriam regar as relações pedagógicas e espaços educacionais.

Neste modelo, a docência torna-se também espaço movediço, pois, ao mesmo tempo, os profissionais da educação são pressionados, por resultados massivos e produtos educacionais, nem sempre humanizadores, por outro lado depara-se com o seu próprio Eu-educador, comprometido com a educação humanizada e inclusiva:

O modelo do professor, historicamente associado ao do carasco que pune, adquire novos tons, sobretudo em virtude de suas atitudes ambíguas, principalmente a de defender, em muitas ocasiões, um discurso libertário, mas exerce prática autoritária nas relações desenvolvidas com os alunos (Zuin, 2008, p. 5).

Evidentemente que há exceções que precisam ser visualizadas e contidas, como as práticas violentas de alguns docentes, nas suas diversas formas, inclusive aquela violência não perceptível facilmente. Isso faz parte de uma compreensão de que a violência não contribui com o processo educativo em si e os resultados pretendidos a partir dele. De acordo com Zuin (2008), é ilusória a racionalização do educador que defende a violência simbólica, justificando sua necessidade pelas situações que o aluno passará fora da escola, por gerar ressentimentos, expressados em revolta, alimentando o ciclo do capitalismo contemporâneo que produz um cosmo social agressor.

Por outro lado, neste processo, como destaca Shiroma (2017), docentes estão ameaçados e pressionados, levando ao abandono da profissão, pois os salários e a carreira estão precarizados. Está evidente as diferentes formas de violência nas escolas, inclusive a externa que adentra aos “muros escolares”, como se verá adiante, porém, é imprescindível destacar as formas de violência, contra professores, que inclui as condições inadequadas de trabalho, os baixos salários e a relação com os estudantes, que utilizam palavreado impróprio e comportamento inadequado. A violência de professor contra estudante e também as falhas pedagógicas, resultam em aprendizagem deficitária. Todas estas situações fomentam a violência nas escolas.

- a. violência nas escolas a partir da percepção de docentes em sala de aula na rede pública de Santa Catarina

Foi realizada roda de conversa sobre a violência nas escolas. A intenção do grupo organizado foi de buscar alternativas de mitigar os efeitos

da violência nas escolas onde atuam. Os participantes, para preservação da sua identidade, foram denominados como colaboradores.

Desta atividade apresenta-se o depoimento do colaborador 1 (2025), o qual faz uma reflexão, envolvendo a insegurança, a violência e as respostas oferecidas ao problema. Ele explica que há algum tempo, quando estava na gestão escolar, percebeu que a violência não estava só ali de dentro, mas de fora também. Aquela época aconteceram algumas situações em que pessoas entraram na escola e promoveram violência contra alunos e professores. Diante disso o primeiro pensamento foi em proteger os alunos: “E o que que eu fiz? Enchi de grade a escola, mas hoje eu me arrependo, acho que não é esse o caminho, deveria ser diferente, como identificar o motivo, a razão e as circunstâncias envolvidas na situação”.

Por sua vez, o colaborador 2 (2025), lembra que a escola é naturalmente um espaço de tensão e de conflito, como extraiu-se da pesquisa bibliográfica. Porém, a violência é quando esse conflito ultrapassa certos limites no convívio. Portanto, a violência ultrapassa a concepção de conflito, saindo do controle emocional e racional.

Já o colaborador 3 (2025) expõe a questão do papel de espectador adotado diante da violência, comportamento comum de autoridades e comunidade escolar, que mesmo presenciando os diversos tipos de violência, não promovem a intervenção necessária. A impressão é de que não é nada, faz o famoso “deixa para lá, faz de conta que eu não vi, que não percebi”. Em geral esta postura muda somente quando o espectador passa a fazer parte do ciclo de violência, ou ser efetivamente agredido.

Da análise das falas trazidas na roda de conversa é possível identificar manifestações que retratam a violência perceptível – agressões físicas, ameaças e desrespeito – quanto a violência simbólica, de difícil identificação. Também a violência institucional foi apresentada, como a precarização do trabalho docente, à ausência de políticas de suporte e à desigualdade social e as políticas de avaliações externas que pressionam por resultados individualistas e competitivos.

É importante relacionar estas percepções empíricas com as fontes teóricas consultas, as quais aponta que essas situações resultam da aplicação de políticas neoliberais, ao promoverem cortes de investimentos, instabilidade no emprego e desvalorização profissional, precarização dos contratos de trabalho e outras. Essa política institucional incentiva a reprodução da violência nas escolas, impactando a atividade docente, com adoecimento e prejuízos na aprendizagem dos estudantes.

Também houve relato de violência física: “um estudante jogou uma cadeira em um colega, deixando-o no meio sem saber o que fazer” (Colaborador 3, 2025, s/p). Aqui depara-se com a situação do espectador, seja da comunidade escolar ou falta de estratégias institucionais para prevenir e intervir em situações de violência. Porém, a prevenção não deve ocorrer, certamente pelas armas nas escolas e por cercas ou portas com detector de metal, mas pela própria educação e mudança cultural.

Não ficou de fora, na roda de conversa, a percepção dos participantes acerca da relação da violência com as desigualdades e os desajustes sociais, as quais repercutem na escola, alguns exemplos: conflitos familiares, ausência de estrutura e a vulnerabilidade social e econômica repercutem no ambiente escolar. Portanto, mais uma vez a política econômica neoliberal, ao reduzir investimentos em educação, assistência social, direitos básicos e direitos humanos, contribui no agravamento das desigualdades, criando um cenário em que professores e alunos sofrem consequências da violência.

Constatações para de violência para além das salas de aula foram apresentados, como relato de ameaça por um pai, que disse que o esperaria na saída da escola por não concordar com a nota do filho. Também a ausência de profissionais de apoio, como psicólogos e assistentes sociais, foi apresentada, pois assim, os docentes acumulem funções pedagógicas, sociais e terapêuticas. Constata-se que a situação do cotidiano escolar está mergulhada na violação dos direitos humanos, de todos os participantes do processo educacional escolar.

No entanto, apesar das inúmeras situações desfavoráveis, na roda de conversa foi possível captar a expectativa de resistência e as possibilidades de enfrentamentos à violência, como estabelecer espaços de diálogo e de escuta, com viés solidário e propositivo, nas possibilidades de resolução de conflitos. Como aponta um participante: “Apesar de tudo, quando a gente senta pra conversar com os estudantes, muitos se abrem e falam das suas dores deles” (Colaborador 2, 2025, s/p). Portanto, mesmo com as diversidades é preciso manter o “esperançar” presente nas práticas pedagógicas e nas relações escolares, com estratégias de gestão e pedagógicas que fomentem a inclusão, o respeito mútuo, a solidariedade e a construção coletiva do grupo social.

b. a violência relacionada aos estudantes

A intenção neste item é tratar a violência que envolve o segmento da comunidade escolar, não necessariamente o que sofre a violência. Mesmo reconhecendo que a violência contra estudantes é uma que precisa ser tratada com responsabilidade, por seus prejuízos ao aspecto formativo da personalidade e também ao rendimento escolar. No entanto, é importante considerar também que o segmento escolar dos estudantes é responsável por parte da violência que ocorre, normalmente contra outros estudantes, mas que pode atingir docentes e a própria unidade escolar: “A violência dos estudantes se manifesta por meio de situações como: vandalismo, pichações nas paredes, xingamentos e agressões físicas a professores, indisciplinas no recreio e roubos no ambiente escolar” (Assis, 2023, p. 50).

O autor apresenta dados estatísticos sobre esta forma de violência, no Brasil, levantamento realizado pela Abrapia, em 2002, envolvendo estudantes da 5ª a 8ª séries de 11 escolas localizadas do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% dos estudantes admitiram ter estado diretamente envolvidos em alguma forma de violência contra colegas na escola naquele ano. Também, que os dados do IBGE coletados em 2019, com 159.245 estudantes entre 13 e 17 anos de todos os estados brasileiros, mostram maior

prevalência de *bullying* entre os alunos de escolas privadas (13,5%) do que entre as públicas (11,8%). Em pesquisa envolvendo docentes sobre as representações de violência que vivenciam na escola: “[...] violência entre alunos (88,2%); violência de aluno contra professor (35%); violência de professor contra aluno (15,9%); violência de agentes externos sobre a escola ou seus membros (8%); violência de aluno contra a escola (6%); violência de aluno contra funcionários (3,5%)” (Assis, 2023, p. 51).

O autor aponta que uma forma de avaliar o impacto da violência criminal no Brasil é a partir do número de crianças e adolescentes em idade escolar vítimas de homicídio. Levantamento feito pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2021) estima que, entre 2010 e 2020, pelo menos 103.149 crianças e adolescentes com idades de até 19 anos morreram no Brasil, vítimas de agressão. Ele destaca que deste total, cerca de 2 mil vítimas tinham menos de 4 anos. Estas são amostras que carecem de atenção especial por envolver estudantes, incapazes de enfrentar a violência e os seus efeitos.

c. a violência relacionada a docentes

Observa-se que o item aborda a violência inerente ao segmento escolar, não apenas como vítimas da violência. No entanto, a pesquisa aponta por um crescimento da violência contra docentes no Brasil, nas últimas décadas. São variadas formas que afetam a categoria. Além da violência da interação pedagógica, há os problemas com a violência institucional e do Estado, consideradas trágicas:

[...] estamos frente a uma tragédia de vastas proporções, sob inúmeras formas e, neste momento, traduzida em retiradas de direitos conquistados pelo menos desde a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e em avanço orquestrado por interesses privados do capital com alto nível manipulatório da opinião pública e negociações espúrias do interesse público no Congresso Nacional (Evangelista, 2018 p. 2).

As situações das diversas formas de violência contra docentes provocam efeitos prejudiciais à categoria, como abandono da carreira, adoecimento e depressão: “3,9% dos 151 educadores do Ensino Fundamental entrevistados em pesquisa realizada nas escolas de São Gonçalo (RJ) manifestaram ideia de acabar com a própria vida” (Assis, 2023, p. 55). O autor apresenta ainda outros dados, dos 573 professores de escolas particulares de Salvador entrevistados em investigação de Araújo et al. (2003), 3% informaram ter tido a ideia de acabar com a própria vida. Mesmo sem os dados que confirmem ou não a intencionalidade, por si, já é alarmante, demonstrando a importância do combate a todas as formas de violência.

Muitas vezes a alternativa de superação da situação, está no abandono da carreira docente, pode-se dizer uma fuga ou melhor, uma questão literal de sobrevivência enquanto ser humano, que precisa de dignidade para preservar a própria vida e sua sanidade mental e psicológica:

Os elementos que induzem o pedido de exoneração levam em conta o modo como a profissão é escolhida, as insatisfações relacionadas ao salário, ascensão profissional, ao plano de carreira, às relações com o sistema educacional, tanto com o aluno quanto com os demais membros da comunidade escolar (Wagner. Pretto, 2019, p. 7).

Segundo Shiroma (2017), está em curso no país o fenômeno da reconversão docente, que parte de um processo amplo de reconversão laboral ocorrido no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, referido como reestruturação produtiva, abertura de mercados e reforma do Estado, quando a adoção de políticas neoliberais e processos de modernização conversadora deram maior visibilidade às mudanças nas relações capitalistas de produção. Essa é uma dimensão da problemática envolvendo as violências relacionadas aos docentes.

É visível a deterioração da situação profissional docente, já apresentada no item “violência contra a escola”. Porém, Assis (2023), pondera que a condição de trabalho de muitos professores brasileiros se constitui em verdadeiro atentado contra a escola, principalmente por considerar que

o professor e o aluno, juntos, representam o mais importante pilar de sustentação dessa instituição.

Segundo (Wagner e Pretto, 2019), a crise da docência se arrasta por muito tempo e não se vislumbram perspectivas de superação em curto prazo, pois essa crise é resultado, principalmente, das transformações que ocorrem na sociedade e que alteram o sentido e o significado do trabalho docente e, como a sociedade está em constante transformação a superação é dificultada. Assis (2023), explica que um trabalho que focalizou a desvalorização social do professor de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental de Recife (PE) ressalta que, nas entrevistas e discussões em grupo, os professores destacaram a discriminação social da docência, com nítida deterioração de sua posição social.

Um dos problemas que assola a docência no Brasil é a responsabilização exclusiva de docentes pelo fracasso escolar. Isso resulta das relações de produção capitalistas: “Um dos componentes da desqualificação docente, mencionado reiteradamente, é a alegada falta de habilidades e competências do professor para usar a tecnologia, entendida como pedra de toque da inovação, competitividade e desenvolvimento” (Shiroma, 2017, p. 23).

Segundo Wagner e Pretto (2019), as exigências da sociedade contemporânea, com rápidas transformações exige constantes mudanças e adaptações, isso provoca em muitos/as professores/as a insatisfação de não conseguirem dar conta dessas exigências, como a sobrecarga de trabalho, a falta de apoio dos pais, o sentimento de inutilidade em relação ao trabalho realizado, por não alcançarem os índices desejáveis:

Os resultados obtidos pelo sistema de avaliação têm repercussões em vários níveis: sobre a distribuição e uso dos recursos financeiros; sobre a composição curricular; sobre o gerenciamento do sistema e sobre o controle docente. Usando os jargões da avaliação punitiva, o professor “foi e é posto à prova” como quem “fica de recuperação” em função de sua suposta inaptidão para ensinar; como se tivesse cometido erros, “vai de castigo” para refletir sobre a sua prática, “pensar no que fez” ou deveria fazer (Shiroma, 2017, p. 25).

Esses sentimentos causam desânimo, esgotamento e conseqüentemente, podem vir a levar ao abandono da carreira docente: “[...] no contexto contemporâneo não significa apenas uma renúncia ou desistência do professor, mas um desfecho, o fim de um ciclo de um processo de fadiga, insatisfação, descuido, desprezo, incompreensão, enfim, um mal-estar (Wagner. Pretto, 2019, p. 4).

Observando as condições de trabalho docente, constata-se a precarização decorrente dos baixos salários, das condições inadequadas dos ambientes de trabalho e da desvalorização social da profissão: “Somando-se ao fator salarial, engloba-se o plano de carreira, muitas vezes defasado e sem perspectivas de crescimento” (Wagner. Pretto, 2019, p. 11). Essas condições afetam diretamente a valorização profissional dos docentes, mas, uma escola pública de qualidade, depende da inclusão da melhoria da carreira docente e das condições de trabalho:

A implementação de uma política de valorização da educação e do magistério é urgente e deve voltar-se para a formação dos professores, a partir de soluções para os problemas estruturais da educação, como é o caso de melhores condições de trabalho e salários dignos (Assis, 2023, p. 74).

O autor destaca a necessidade de se faz falar de um aspecto psicológico importante relacionado à desvalorização do magistério, que é a sua contribuição para a construção, nos professores, de sentimentos de desânimo, de desvalorização de si e da sua profissão. Isso constitui um triste cenário, com professoras/es apresentando baixa autoestima, desvalorizando, a profissão que haviam abraçado. Portanto está instalado um frequente e acentuado desânimo dos professores no exercício do magistério, que tende a agravar-se pela falta de esperança em mudanças significativas no panorama educacional. Estes são alguns exemplos da violência institucional patrocinada por governos descomprometidos com a efetiva melhoria na educação brasileira:

A reconversão abrangia mudanças nas funções docentes; na avaliação de alunos, professores e gestores; na profissionaliza-

ção do magistério; no sistema de certificação; nas gratificações por desempenho; nas novas formas de gerenciamento do sistema educacional; na descentralização e autonomia escolar; na flexibilização da legislação e do currículo (Shiroma, 2017, p. 23).

De acordo com Wagner e Pettro (2019), a carreira docente apresenta muitas fases, em vários momentos que ele mesmo se coloca em xeque com sua profissão, sendo que diversos fatores desencadeiam isso. O professor, no momento atual, está mergulhado em uma sociedade complexa, sendo, assim, cada vez mais exigido em seu trabalho docente, gerando por consequência dificuldades de adaptação e de acompanhar a mobilidade social.

Por fim, Shiroma (2017), aponta que a reconversão docente foi impulsionada por discursos e práticas que, na virada do milênio, tentaram denegrir a imagem do professor supondo-se seu despreparo e o anacronismo de sua formação para lidar com as demandas do século XXI. Foi necessário apresentá-lo como incompetente, desqualificado e torná-lo incapaz de pensar sobre as condições materiais de sua existência e dos que ele forma.

A VIOLÊNCIA ESCOLAR “RETRATADA” NO COTIDIANO

Nesta seção apresenta-se um rol de notícias envolvendo as diferentes formas de violência escolar, no intuito de demonstrar a abrangência nacional e amplitude de situações diferenciadas de formas que se efetiva. Evidentemente que se trata apenas de uma amostra, com alguns casos de maior apelo midiático, sabendo que a realidade é mais ampla e complexa. Porém, é preciso partir de um cenário palpável para sensibilizar pesquisadores e autoridades a respeito dos prejuízos que a situação impõe ao aprendizado, às condições de trabalho docente e ao adequado relacionamento interpessoal nas escolas.

Serão apresentados resumos das notícias, no intuito de demonstrar os espaços e ambientes onde se materializa a violência, tendo como enun-

ciado o título da reportagem. Estudante esfaqueia professora dentro de sala de aula no RS: “Uma adolescente de 14 anos atacou uma professora com uma faca na manhã de quinta-feira (21), dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Rodrigues de Souza, no município de Caseiros, localizado no norte do Rio Grande do Sul” (Souza, 2025, s/p.).

A violência institucional também está presente na mídia, seja por ação direta, por políticas ou por intermédio de gestores, porém, sem mencionar que é uma violência. Estado é condenado por assédio moral de diretor de escola contra professora:

A 3ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça de São Paulo manteve, em parte, a decisão da 4ª vara civil de Itapevinga (SP) que condenou o estado de São Paulo a indenizar uma professora que foi vítima de assédio moral por parte do diretor de uma escola pública. A reparação por danos morais foi redimensionada para R\$ 15 mil (Silva, 2025, s/p).

As condições de trabalho impactam na garantia do sucesso escolar, da dignidade docente e na garantia dos direitos humanos. Dedicção exclusiva de professores faz a diferença na aprendizagem, pesquisa mostra que estudantes apresentam melhores resultados acadêmicos quando estudam em escolas em que a maioria dos docentes têm contrato de tempo integral: “Um estudo revelou que, em escolas brasileiras onde mais de 80% dos professores atuam em tempo integral, os estudantes apresentam, em média, desempenho 10 pontos superior em matemática (Lavocat, 2025, s/p).

O abandono da carreira docente, já mencionado pode ser constatada também nos noticiários, como o mostra o relatório sobre déficit de professores para a educação básica até 2030. A escassez de profissionais é preocupação mundial é preocupação mundial, no Brasil o número de jovens até 24 anos na docência caiu 42%:

A menos que sejam tomadas medidas urgentes, apenas 4 em cada 10 países terão professores suficientes para garantir a educação primária universal até 2030, diminuindo para menos de 1 em cada 5 países para a educação secundária”, aponta o documento (Braz, 2025, s/p).

O desinteresse, em parte é provocado pelos baixos salários, por planos de carreira rebaixados e pela violência institucional, que impõe a docentes cargas de trabalho incompatíveis com o exercício da profissão. Além disso os processos avaliativos padronizados descaracterizam a docência nos seus aspectos humanitários. Impõe-se à educação regras mercadológicas, como por exemplo, os professores passam a ser avaliados por alunos e podem ser demitidos no Brasil:

Desde 26 de maio de 2025, professores da **rede estadual paulista**, efetivos e não efetivos, das escolas de tempo parcial passarão a ser avaliados por estudantes e membros da gestão escolar. A medida amplia um processo que já acontece nas unidades de ensino integral e agora será estendido a todas as escolas da rede. [...] (Silva, 2025, s/p). (Grifos no original)

Os resultados da imposição do projeto neoliberal na educação provocam o abandono da profissão e o adoecimento. A máquina de moer professores: sob pressão, 1/4 dos docentes da rede pública do Paraná se afastou por problemas de saúde mental:

Já se passaram mais de quatro meses desde que o professor Vinicius Prado Alves, 39, deixou a sala de aula. O afastamento, motivado por crises de ansiedade e pânico, interrompeu uma trajetória de 16 anos dedicados ao Ensino Fundamental e Médio na rede estadual do Paraná. “Não é só exaustão. É uma estrutura que adoce”, afirma (Bazilio, 2025, s/p).

As pressões, cobranças, vigilância pedagógica e política provocam problemas aos docentes. Isso ocorre das diversas formas, dos alunos ao Estado, como ocorreu em município catarinense. Justiça proíbe câmeras nas salas de aula, TJSC derruba lei de município do Oeste que obrigava monitoramento total nas escolas públicas: “O Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) declarou inconstitucional uma lei municipal do Oeste do Estado que obrigava a instalação de câmeras de vigilância em todas as áreas das escolas públicas, inclusive nas salas de aula e de professores” (Justiça, 2025, s/p).

Além dos problemas inerentes ao trabalho docente, a profissão é execrada socialmente, com a colaboração dos meios de comunicação.

Professor desprestigiado, salários indignos e a imprensa que erra o foco da crítica: Não é por acaso que o Brasil é um dos países em que mais se adocece na profissão docente: “[...] professores desvalorizados em um país que finge não ver. A chamada do editorial publicado por O Globo em 24 de junho diz muito: ‘Brasil decepciona com avanço lento do ensino’. [...] O problema é que o editorial identifica os sintomas, mas evita a causa estruturante” (Costa, 2025, s/p).

A escola está órfã em sua missão de educação, alfabetizar e preparar para o exercício da cidadania. As famílias que deveriam ser um dos pilares no processo, nem sempre colaboram da forma adequada. Atenção! Professor é agredido dentro da escola por pai conservador condenado por violência: “Em plena luz do dia e na frente dos estudantes e familiares esse homem bateu no professor e ameaçou voltar com uma arma para matá-lo” (Morais, 2025, s/p).

A violência também é praticada por estudantes. Alunos agredem e filmam colega em sala de aula e escolar particular é condenada em SC: Caso resultou em indenização de R\$ 20 mil por danos morais: “Caso aconteceu durante o intervalo entre as aulas. Uma escola particular de Lages, na Serra catarinense, foi condenada ao pagamento de R\$ 20 mil por danos morais a um aluno de 12 anos que sofreu agressões físicas e psicológicas dentro da sala de aula” (Redação, 2025, s/p).

Ainda acerca da violência praticada por estudantes, outro exemplo. Colégio da Zona Sul do Rio afasta alunos que cobravam ‘pedágio’ para uso do banheiro: “Quatro alunos do Colégio PH de Botafogo foram afastados após denúncias de intimidação e constrangimento de colegas mais novos. De acordo com o Jornal O Globo, os estudantes que não pagavam tinham as roupas arrancadas” (Colégio, 2025, s/p).

Estas são amostras de atitudes e situações de violência que permeiam o espaço escolar. A intenção é demonstrar as diferentes formas de manifestações violentas e como elas abalam os envolvidos. Notadamente estas situações caracterizam a violação de direitos humanos, por exposição a

situações constrangedoras ou humilhações, além de afetar a estabilidade emocional ou mesmo o sofrimento físico.

A expectativa é que seja um alerta para que seja possível minimizar os efeitos das diversas formas de violência, buscando alternativas de prevenção, como diálogos, rodas de conversa e atividades integrativas que possibilitem a melhoria das relações interpessoais na comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explosão de violência nas suas mais variadas formas é um desafio que se apresenta no momento atual, seja a governos, autoridades, instituições ou pessoas. Os ciclos de violência parecem opor-se aos processos de humanização, corroendo as relações sociais e interpessoais. Por conseguinte, estas situações afetam a garantia dos direitos humanos, pois em decorrência de cada ato violento, ocorre uma violação dos direitos humanos das vítimas.

A presente pesquisa demonstra a complexidade das manifestações de violência nas escolas e dos efeitos danosos que provoca, seja em docentes que sofrem com os efeitos, apresentando adoecimento, afastamentos, abandono da profissão e até tentativa de suicídio, portanto uma séria gravidade da situação.

Estudantes também sofrem com as diferentes formas de violência, seja ela física, psicológica ou simbólica. Os principais efeitos são a dificuldade de aprendizagem, o medo e perda da vontade de frequentar a escola.

Observando as publicações midiáticas que abordam o tema da violência nas escolas brasileiras, percebe-se um sensacionalismo do tema, visando chamar a atenção do público, porém sem o aprofundamento que o tema merece ao ser publicado. Desta forma, pode a vítima ser ainda mais atingida em sua intimidade, ampliando os problemas decorrentes da violência.

Diante do quadro é importante o combate a todos os tipos de violência, encontrando mecanismos de prevenção que possam sensibilizar os agressores, buscando humanizar as relações e criar hábitos de civilidade, capazes de provocarem mudanças culturais em relação às práticas violentas, especialmente nas escolas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G., CONSTANTINI, P., AVANCI, J. Q., NJAINE, K. (Orgs.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores [online]. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; CDEAD/ENSP, 2023.

BASILIO, Ana Luiza. A máquina de moer professores: sob pressão, um quarto dos docentes da rede pública do Paraná se afastou por problemas de saúde mental. **Carta Capital**. 28/06/2025. Disponível em: <[A máquina de moer professores - CartaCapital](#)>. Acesso em 30/06/2025.

BRAZ, Gabriella. Relatório mostra déficit de professores para a educação básica até 2030. Estudante Educação Básica. Postado em 23/07/2025. Disponível em: <[Relatório mostra deficit de professores para a educação básica até 2030](#)>. Acesso em 24/07/2025.

Colaborador 1. **Roda de Conversa Sobre Violência** meet.google.com/pwj-rfwa-eku, 30/05/2025 - 19h as 21h. **nas Escolas**, sala remota:

Colaborador 2. **Roda de Conversa Sobre Violência nas Escolas**, sala remota: meet.google.com/pwj-rfwa-eku, 30/05/2025 - 19h as 21h.

Colaborador 3. **Roda de Conversa Sobre Violência** meet.google.com/pwj-rfwa-eku, 30/05/2025 - 19h as 21h. **nas Escolas**, sala remota:

COLÉGIO da Zona Sul do Rio afasta alunos que cobravam 'pedágio' para uso do banheiro. **G1-Rio**. 28/05/2025. Disponível em: <[Colégio do Rio afasta alunos que cobravam 'pedágio' de mais novos](#)>. Acesso em 31/05/2025.

COSTA, Valter Mattos da. Professor desprestigiado, salários indignos e a imprensa que erra o foco da crítica: não é por acaso que o Brasil é um dos países em que mais se adocece na profissão docente. **ICL-Notícias**. 30/06/2025. Dispo-

nível em: <Professor desprestigiado, salários indignos e a imprensa que erra o foco da crítica - ICL Notícias>. Acesso em: 26/07/2025.

EVANGELISTA, Olinda. Faces da tragédia docente no Brasil. **XI Seminário Internacional de La Red Estrado**: Movimientos Pedagógicos y Trabajo Docente en tiempos de estandarización, 16/11/2018. Universidad Pedagógica Nacional. Disponível em: <68.pdf>. Acesso em: 05/04/2025.

JUSTIÇA proíbe câmeras dentro de salas de aula em SC: TJSC derruba lei de município do Oeste que obrigava monitoramento total nas escolas públicas. **ClicRDC**, 2025. Disponível em: <Justiça proíbe câmeras dentro de salas de aula em SC - ClicRDC>. Acesso em 15/07/2025.

LAVOCAT, Maria Eduarda. Dedicção exclusiva de professores faz a diferença na aprendizagem. **Estudante Trabalho & Formação**. Postado em 27/07/2025. Disponível em: <Dedicção exclusiva de professores faz a diferença na aprendizagem>. Acesso em 28/07/2025.

MORAIS, Pedro. **Atenção! Professor é agredido dentro da escola por pai conservador da extrema direita condenado por violência!** 30/06/2025. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/DLVrF40uvdi/?igsh=aHk1czd3a3Z-0cXB4>>. Acesso em 30/06/2025.

REDAÇÃO Lages. Alunos agredem e filmam colega em sala de aula e escola particular é condenada em SC: Caso resultou em indenização de R\$ 20 mil por danos morais. **NSC-Notícias**. 30/05/2025. Disponível em: <Alunos agredem e filmam colega em sala de aula e escola particular é condenada em SC - NSC Total>. Acesso em: 31/05/2025.

RESUMEAI. Violência: o que é segundo a OMS, tipos, impactos e como prevenir. **ResumeAi Concursos**, 19 de julho de 2025. Disponível em: <Violência: O que é segundo a OMS, Tipos, Impactos e Como Prevenir | ResumeAI Concursos>. Acesso em 26/10/2025.

SHIROMA, Eneida Oto. Et. al. *In* EVANGELISTA, Olinda. SEKI, Allan Kenji. **Formação de professores no Brasil**: leituras a contrapelo. 1. ed. - Araraquara [SP]: Junqueira&Marin, 2017. 280 p.

SILVA, Alan. Professores passam a ser avaliados por alunos e podem ser demitidos no Brasil. **MIX - Conteúdos digitais**. 27/06/2025. Disponível em: <Professores

passam a ser avaliados por alunos e podem ser demitidos no Brasil>. Acesso em 05/07/2025.

SILVA, Mateus Alves. Estado é condenado por assédio moral de diretor de escola contra professora. **Consultor Jurídico 2025**. Acórdão Apelação 1010580-41.2023.8.26.0269, 6 de agosto de 2025, 20h39. Disponível em: <Estado é condenado por assédio moral de diretor contra professora>. Acesso em 07/08/2025.

SOUZA, José. Estudante de 14 anos esfaqueia professora dentro de sala de aula no RS. **TAGS Cidades - Porto Alegre 24 Horas - Notícias**, 23 de agosto de 2025. Disponível em: <Estudante de 14 anos esfaqueia professora dentro de sala de aula no RS>. Acesso em 23/08/2025.

WAGNER, Lilian. PRETTO, Janaína Pereira. Profissão docente: Um estudo do abandono da carreira na contemporaneidade. **Research, Society and Development**, 2019, vol. 8, núm. 6, ISSN: 2525-3409 / 2525-3409. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662197003>. Acesso em 25/09/2025.

ZUIN, Antônio A. S.. **Adoro odiar meu professor**: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

_____. **Violência e tabu entre professores e alunos** : a internet e a reconfiguração do elo pedagógico. São Paulo: Cortez, 2012.